

CAMILO CASTELO BRANCO

AMOR DE PERDIÇÃO

*Pode haver um sentimento tão intenso
pelo qual vale arriscar a vida?*



CAMILO CASTELO BRANCO

AMOR DE PERDIÇÃO

Podê haver um sentimento tão intenso
pelo qual valê arriscar a vida?

**VERSÃO PARA O PORTUGUÊS MODERNO:
PEDRO ALMEIDA**



AMOR DE PERDIÇÃO, CAMILO CASTELO BRANCO
COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2021
EDIÇÃO INTEGRAL, COM ATUALIZAÇÃO DO
VOCABULÁRIO USUAL E ACORDO ORTOGRÁFICO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Edição, atualização e adaptação: **PEDRO ALMEIDA**
Coordenação editorial: **CARLA SACRATO**
Preparação: **LIGIA AZEVEDO**
Revisão: **BÁRBARA PARENTE** e **VALQUIRIA DELLA POZZA**
Capa: **OSMANE GARCIA FILHO**
Ilustração de capa: **JULIUS KRONBERG, ROMEO AND JULIET**
Projeto gráfico e diagramação: **SAAVEDRA EDIÇÕES**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Castelo Branco, Camilo, 1825-1890

Amor de perdição / Camilo Castelo Branco; tradução
de Pedro Almeida. — São Paulo: Faro Editorial, 2021.

208 p.

ISBN 978-65-86041-47-7

1. Ficção portuguesa I. Título II. Almeida, Pedro

20-3729

CDD P869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana 813.6



1ª edição brasileira: 2021
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por **FARO EDITORIAL**

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310
Alphaville – Barueri – SP – Brasil
CEP: 06473-000
WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR

Introdução



Folheando os livros de antigos registros no cartório das cadeias do Porto, em Portugal, li, na seção das entradas dos presos de 1803 a 1805, na página 232, o seguinte:

Simão António Botelho, que assim disse chamar-se, solteiro e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e residente na ocasião da sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba pretos, vestido com jaqueta azul, colete com relevo e calça de pano.

À margem esquerda desse registro, estava escrito:

Foi enviado para a Índia a 17 de março de 1807.

Deveria mesmo se sensibilizar o leitor por achar que o exílio compulsório de um rapaz de dezoito anos havia de ser demasiado duro.

Dezoito anos! O amanhecer dourado e escarlate da manhã da vida! As gentilezas do coração que ainda não sonha em frutos, mas já se perde em devaneios no perfume das flores!

Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços da mãe, dos beijos das irmãs, para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre de igual modo

como flor da mesma estação e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida!

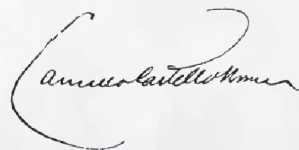
Dezoito anos! E exilado da pátria, do amor e da família! Condenado a nunca mais ver o céu de Portugal, nem a mãe, nem a reabilitação, nem a dignidade, nem um amigo! É triste!

O leitor decerto se entristecia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

“Amou, perdeu-se e morreu amando.”

É a história. E uma história assim conseguirá porventura ouvi-la de olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade que por vezes traz consigo do Céu um reflexo da divina misericórdia? Essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se eu lhe dissesse que o pobre rapaz perdeu a honra, a reabilitação, a pátria, a liberdade, as irmãs, a mãe, a vida, tudo... por amor à primeira mulher que o despertou do seu sonho de inocentes desejos?

Chorava, chorava! Queria eu saber dizer o doloroso sobressalto que me causaram aquelas linhas, procuradas de propósito, e lidas com a amargura e o respeito e, ao mesmo tempo, o ódio. Ódio, sim... A seu tempo verão se é perdoável o ódio, ou não seria melhor abrir mão desde já de uma história que pode provocar náusea aos frios julgadores do coração pelas sentenças que eu aqui disser contra a falsa virtude dos homens e feitos bárbaros em nome da honra.



Camilo Castelo Branco

Capítulo I



O pai, Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Mene-
ses, fidalgo de uma das mais antigas casas de Vila Real de
Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse
mesmo ano casara com uma dama do paço, D. Rita Teresa Mar-
garida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha de um
capitão de cavalos, neta de outro, Antônio de Azevedo Castelo
Branco Pereira da Silva, tão notável pela sua hierarquia como
por um livro — naquele tempo famoso — que escrevera acerca
da arte da guerra.

Dez anos de um amor não correspondido mantiveram em
Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer a formosa dama de D.
Maria I amá-lo, faltavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho
era extremamente feio. Para se firmar como bom pretendente,
faltavam-lhe bens: o que possuía não excediam os trinta mil
cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espírito tam-
bém não o recomendavam: era fraco de inteligência, o que lhe
rendeu por parte de seus colegas da universidade o apelido de
Brocas, pelo qual ainda hoje seus descendentes em Vila Real
são conhecidos. Bem ou mal derivado, o apelido Brocas vem
de “broa”. Entenderam os acadêmicos que a rudeza do seu
companheiro de estudos procedia do muito pão de milho que
ele ingerira na infância.

Mas Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer,
e tinha: era um excelente flautista; e foi tocando a flauta que

se sustentou por dois anos em Coimbra, durante os quais seu pai suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não bastaram para livrar outro filho de um crime de assassinato.*

Domingos Botelho formara-se em 1767, e fora a Lisboa admitido no Tribunal do Desembargo do Paço — iniciação banal dos que aspiravam à carreira da magistratura. Já Fernão Botelho, pai do bacharel, fora bem aceito em Lisboa, principalmente pelo duque de Aveiro, cuja estima pôs sua cabeça em risco, na tentativa de golpe contra o próprio pai em 1758.

O provinciano saiu das masmorras da Junqueira livre da infame mácula, e até ficou bem-visto pelo conde de Oeiras, porque tomara parte na prova que ele fizera da supremacia da sua genealogia contra a dos Pintos Coelhos do Bonjardim do Porto — disputa ridícula, mas estrondosa, movida pela recusa do fidalgo portuense a dar sua filha ao filho do Marquês de Pombal.

O que o bacharel flautista fez para ganhar a estima de D. Maria I e Pedro III não sei. Diz a tradição que o homem fazia rir a rainha com suas graças, e porventura com os trejeitos que revelavam o melhor da sua personalidade. O certo é que Domingos Botelho passou a frequentar o paço e a receber do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante

* Há vinte anos, ouvi a história desse assassinato, assim contada. Era Quinta-feira Santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de Endoenças, em São Francisco, acompanhado por uma dama, namorada sua, mas um tanto desleal. Noutra ponta da igreja estava um alferes de infantaria, com os olhos e o coração na mesma mulher. Marcos enfrentou seu ciúme até o final da missa. À saída do templo, encarou o militar e provocou-o. O alferes tirou a espada, e o fidalgo, o espadim. Trocaram golpes durante um longo tempo sem feridas nem sangue. Amigos de ambos os lados tinham conseguido aplacá-los quando Luís Botelho, outro irmão de Marcos, atirou com uma carabina no peito do alferes, e ali, à entrada da rua do Jogo da Bola, matou-o. O homicida acabou por ficar livre por intercessão do soberano

a juiz de fora se esqueceu de si, do futuro e do ministro da justiça, que, muito rogado, o tornou juiz de fora de Cascais.

Já foi dito que ele se atreveu aos amores do paço, não fazendo poesias como Luís de Camões ou Bernardim Ribeiro, mas namorando na sua prosa provinciana e captando a benevolência da rainha para amolecer as durezas de sua dama de companhia, sua pretendente. Devia de ser feliz o Dr. Bexiga — como era conhecido na corte —, para que a discórdia que existe entre o talento e a felicidade não se desconcertasse. Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cinquenta anos podia se gabar disso. E não tinha outro dote, pois seu dote era uma série de antepassados, uns bispos, outros generais, incluindo aquele que morrera queimado dentro de um caldeirão à mão dos mouros — evento tratado com glória, na verdade, um pouco ardente, mas de tal modo lembrada que seus descendentes passaram a chamar-se Caldeirões.

A dama do paço foi feliz com o marido. Tinha, no entanto, saudades da corte, das pompas das câmaras reais, dos luxos e dos hábitos que tinha sacrificado. Este desgostoso viver, porém, não impediu que se reproduzissem, tendo dois meninos e três meninas. O mais velho era Manuel, o segundo, Simão; das meninas, uma era Maria, a segunda Ana, e a última tinha o nome da mãe, e alguns traços da beleza dela.

O juiz de fora de Cascais morava em Lisboa, na freguesia da Ajuda, em 1784, mas desejava mudar-se para um lugar mais importante. Neste ano, nasceu Simão, o penúltimo dos seus filhos. Sempre gracejado pela sorte, o juiz conseguiu então transferência para Vila Real, sua ambição suprema.

À distância de uma légua de Vila Real estava toda a nobreza da vila à espera do seu conterrâneo. Cada família tinha sua liteira, meio de transporte comum guiado por cavalos, com o brasão da respectiva casa. A dos Correia de Mesquita era do modelo mais antiquado; e as vestes dos criados, as mais usadas e desgastadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando a fila das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de ouro, e disse:

— Ó Meneses, o que é aquilo?

— São os nossos amigos e parentes que nos vêm esperar.

— Em que século estamos nós nesta montanha? — disse a dama do paço.

— Em que século? O século tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! Sim? Julgo que o tempo aqui parou no século doze...

Por alguma razão, o marido achou que devia rir do gracejo, apesar de aquilo não o lisonjear grandemente.

Fernão Botelho, pai do juiz de fora, pôs-se à frente da procissão para dar a mão à nora, que saía da liteira, e a conduzir até a casa. D. Rita, antes de ver a cara do sogro, contemplou suas fivelas de aço e os metais da sela com olho armado. Disse ela depois que os fidalgos de Vila Real andavam mais imundos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na antiga liteira do sogro, perguntou, com a mais falsa seriedade, se não haveria risco em ir dentro daquela antiguidade. Fernão Botelho assegurou à nora de que a liteira não tinha ainda cem anos, e que os cavalos não excediam os trinta.

O modo altivo com que ela recebeu as cortesias da nobreza — a velha nobreza que fora para lá nos tempos do rei D. Dinis, fundador da vila — fez com que o mais novo daquele grupo de empregados, que só tinha doze anos, me contasse depois: “Sabíamos que aquela mulher foi dama de companhia de D. Maria I; porém, com a soberba com que nos tratou, seria de imaginar que estávamos diante da própria rainha”.

Tocaram os sinos da terra, quando a comitiva passou pela igreja da Senhora de Almodena. D. Rita disse ao marido que o som dos sinos era o mais estrondoso e barato que já tinha ouvido.

Pararam à porta da velha casa de Fernão Botelho. D. Rita passou os olhos pela fachada do edifício e disse para si mesma:

“Que bonito chiqueiro para quem foi criada nos palácios de Mafra e Sintra, da Bemposta e de Queluz”.

Decorridos alguns dias, D. Rita disse ao marido que tinha medo de vir a ser devorada por ratazanas; que aquela casa era um covil de feras; que o teto estava prestes a desabar; que as paredes não resistiriam ao inverno; que o quarto e a cama do casal obrigavam a morrer de frio uma esposa delicada e afeita às almofadas do palácio dos reis.

Domingos Botelho conformou-se com a estremecida companhia e mandou construir um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces, mas escreveu à rainha e obteve um generoso subsídio com que acabou de construir a casa. As varandas foram a última dádiva que a viúva real fez à sua dama de companhia. A dádiva talvez seja um testemunho, até agora inédito, da demência da Senhora D. Maria I.

Domingos Botelho mandara esculpir em Lisboa brasão de armas numa rocha; D. Rita, porém, teimara que no escudo estivessem também as de sua família, mas era tarde, porque a obra já tinha vindo do escultor, e o magistrado não podia com a segunda despesa, nem queria desgostar o pai, orgulhoso do seu brasão. A casa, então, acabou ficando sem um brasão de armas, e D. Rita saiu vitoriosa.*

O juiz de fora tinha ali parentes ilustres. O aprumo da fidalga dobrou-se ante as grandes personalidades da província, ou talvez eles tenham sido levantados até ela. D. Rita tinha uma corte de primos, uns que se contentavam em ser primos, outros que invejavam a sorte do seu marido. O mais audacioso não ousava olhar o rosto dela, quando o mirava com a luneta com tanta altivez e zombaria que não seria incorreto dizer que a luneta de Rita Preciosa era a mais vigilante sentinela da sua virtude.

* Nota do autor: A referida casa depois passou a ser conhecida como o palacete da rua da Piedade, pertencendo ao dr. Antônio Gerardo Monteiro.

Domingos Botelho desconfiava da eficácia dos merecimentos próprios para cabalmente encher o coração da sua mulher. Inquietava-o o ciúme; mas sufocava os suspiros, receando que Rita ficasse injuriada com a suspeita. E estaria certa de se ofender. A neta do general frito no caldeirão ria dos primos, que, por amor a ela, se eriçavam e empoavam a cabeleira com esmero pouco gracioso, e cavaleavam ruidosamente na calçada em seu cavalo, fingindo que os treinadores de animais da província não desconheciam as graças hípicas do marquês de Marialva.

Não pensava assim, porém, o juiz de fora. E o causador da intriga era o espelho. Via-se sinceramente feio, e via a Rita cada vez mais bela, e mais enfadada na intimidade. Não encontrava na história antiga nenhum exemplo de amor duradouro entre um esposo disforme e uma esposa linda. Um só lhe mortificava a memória, e, embora fosse uma fábula, não lhe agradava: o casamento de Vênus e Vulcano. Lembravam-lhe as redes que o ferreiro coxo fabricava para apanhar os deuses adúlteros, e assombrava-se da paciência daquele marido. Para si mesmo, dizia ele que, erguido o véu da traição, nem se queixaria a Júpiter, nem armaria ratoeiras aos primos. Além do bacamarte de Luís Botelho, que deixara em vida o alferes, estava uma fileira de armas sobre as quais demonstrava inteligência muito superior à que revelava na compreensão dos códigos e da legislação do Reino.

Este viver de sobressaltos durou seis anos, talvez mais. O juiz de fora suplicou a seus amigos a transferência, e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor da cidade de Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Vila Real, e duradoura memória da sua soberba, formosura e graça de espírito. O marido também deixou anedotas que ainda hoje se repetem. Contarei somente duas para não enfadar. Acontecera de um lavrador mandar-lhe de presente uma bezerra bem jovem, e para que o filhote fosse sem luta, mandou acompanhando também a vaca, mãe do animal. Assim que viu as duas, Domingos

Botelho mandou recolher a bezerra e a vaca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe, e com essa o lavrador nunca mais viu sua vaca. Noutra ocasião, mandaram-lhe de presente uns pastéis numa rica travessa de prata. O juiz de fora repartiu os pastéis entre alguns rapazes de rua, e mandou guardar a travessa, tomando-a como o presente e os doces, como ornamentos. É por isso que ainda hoje, em Vila Real, quando acontece um caso semelhante de alguém ficar tanto com o conteúdo e o continente, diz a gente da terra: “Aquele é como o doutor Brocas”.

Não tenho outras informações em detalhes da vida do provedor na cidade de Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a comarca e ameaçava o marido de voltar com os seus cinco filhos para Lisboa, se ele não saísse daquela intratável terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa da sua própria origem e antiguidade, desdenhou a postura presunçosa da dama do paço, e foi descobrir certas histórias vergonhosas da família dos Botelho Correia de Mesquita, como o fato de o provedor ter vivido dois anos em Coimbra a tocar flauta.

Em 1801, Domingos José Correia Botelho de Mesquita tornou-se corregedor em Viseu.

Manuel, o mais velho dos seus filhos, aos vinte e dois anos, frequenta o segundo ano jurídico. Simão, com quinze, estuda humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida do coração da sua mãe.

O filho mais velho escreveu ao pai queixando-se de não poder continuar a viver com o seu irmão, com medo do seu gênio sanguinário. Conta que a cada passo que dá se vê ameaçado de vida, porque Simão gasta em pistolas o dinheiro que devia ser para os livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite pelas ruas a insultar os habitantes, provocando-os à luta. O corregedor admira a bravura do filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o gênio

do seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que alguma vez houve em Trás-os-Montes.

Manuel, cada vez mais envergonhado com os violentos atos de Simão, sai de Coimbra antes das férias e vai a Viseu pedir ao pai que lhe dê outro destino. D. Rita quer que o filho seja cadete de cavalaria. De Viseu, parte então Manuel Botelho para Bragança, entrando para a nobre escola dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão volta a Viseu com os exames feitos e aprovados. O pai maravilha-se do talento do filho, e desculpa-o da extravagância por amor do talento. Pede-lhe explicações pela zanga com Manuel, e ele responde apenas que o irmão o queria forçar a viver monasticamente.

Aos quinze anos, Simão tem aparência de vinte. É forte de compleição; belo homem com as feições da mãe; mas com gênio difícil. Entre os simples de Viseu é que ele escolhe os amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão zomba das genealogias, principalmente com o general Caldeirão, que morreu frito. Bastou isso para ele ganhar o desgosto e a aversão da mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos da mulher, e tomou parte no desgosto dela, e na aversão ao filho. As irmãs temiam-no, menos Rita, a mais nova, com quem ele brincava de forma inocente, e a quem obedecia, se ela lhe pedia, com meiguices de criança, que não andasse com más companhias.

Estavam a terminar as férias quando o corregedor teve um grande dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar os cavalos a beber, e, por descuido ou de propósito, deixou quebrar alguns cântaros, vasilhas de água que estavam no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas partidas conjuraram contra o criado e espancaram-no. Simão, que passava por ali nessa altura, armado de um pau que descravou de um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o trágico espetáculo quebrando o resto dos cântaros que restavam. Os que estavam presentes e intactos fugiram apavorados e ninguém se atreveu a enfrentar

o filho do corregedor; os feridos, porém, juntaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado.

Domingos Botelho zangou-se com o filho e ordenou ao oficial de justiça que o prendesse por sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas mais irritada como uma mãe que protege as crias, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que ele, sem se deter, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pai.

O corregedor, quando soube da ação da esposa, fingiu-se zangado, e prometeu mandar capturá-lo em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse “brutal nas suas vinganças” e “estúpido juiz de uma rapaziada”, o magistrado desfez o ar severo da testa, e confessou tacitamente que era um juiz bruto e estúpido.